

## A FENOMENOLOGIA DA IDENTIDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOBRE A IDENTIDADE A PARTIR DO SENSO COMUM ESTUDANTIL

Francisco Kaio Dias de Sena<sup>1</sup>

Roberto Kennedy Gomes Franco<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Associados ao programa como bolsistas, nesta mesma universidade, de política ímpar já elencada, o quadro destes conjuga-se de estudantes graduandos de nacionalidades e de culturas tão diferentes e de lugares tão longínquos que um Oceano Atlântico é preciso para distanciar ambos os territórios. O grupo compõe-se de alunos brasileiros e guineenses.

Mas, para além, a instituição Unilab ainda agrega e faz política com diversos outros países da lusofonia, além do próprio Brasil e de Guiné-Bissau. Participam deste projeto educacional os países do continente africano como a Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, e na Ásia, politiza com o Timor Leste, além de Portugal na Europa.

Então, quando em um dia de atividades como bolsistas em uma escola pública de ensino médio, e trabalhando em uma oficina sobre o sistema da escravidão no Ceará – e no Brasil – diversos foram os alunos que voltaram-se e interrogaram se aqueles estudantes bolsistas *não brasileiros* se sentiriam de algum modo tristes, ofendidos, injuriados, insultados ou ultrajados por se estar debatendo sobre episódios históricos de sujeitos que foram violentamente arrancados, desumanizados e escravizados e que vieram para o Brasil de uma mesma região que eles. Ou seja, estudar histórias de homens e mulheres que foram subjugados compulsoriamente por um sistema que tão mal fez “*aos seus ancestrais*”.

*Como eles se sentem?* Esta frase é a alavanca impulsionadora de partida que vai estimular as análises e raciocínios para esse labor reflexivo, na diligência em compreender como se entendem identitariamente estes alunos adolescentes sujeitos de sua própria história.

Atente-se bem às palavras em itálico “*aos seus ancestrais*” acima, pois elas serão muito importantes para o decorrer destas alterações históricas. Elas não estão assim por acaso ou por simples beleza da escrita.

---

1 Graduado em Humanidades e graduando em licenciatura em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Email: [kaiodiasdesena@gmail.com](mailto:kaiodiasdesena@gmail.com);

2 Professor orientador: pós-doutorado em História pela Universidade de Lisboa, e professor da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, atuando no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades - MIH, Bacharelado em Humanidades (BHU), Licenciatura em História e no Curso de Enfermagem. Email: [robertokenedy@unilab.edu.br](mailto:robertokenedy@unilab.edu.br).

## METODOLOGIA

Na procura pela compreensão das alusões simbólicas, conscientes e inconscientes, abstratas e/ou concretas, pelas quais aqueles estudantes adolescentes do ensino médio público – e a sociedade brasileira, ambos em seus sentidos comuns – se entendem enquanto sentimento social de identidade, e, buscando fazer, ainda com estas, relações históricas e reflexões dedicadas à esta área de investigação, numa articulação que permita, por sua vez, explorar e problematizar as definições da fenomenologia do que significa o sentido histórico de ser brasileiro, e pelas buscas destes dados absolutamente objetivos e absolutamente históricos (PIMENTA, 2011) que este trabalho se coloca à sensibilidade com teorias que a área de estudo possibilita.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas visões e nas consciências daqueles discentes adolescentes, talvez criadas nos sentidos comuns, parece haver uma inflexão e reflexão histórica e lógica, um tipo entendimento de *ruptura* entre um passado e um presente brasileiro. Quer-se dizer, não somente do processo de continuidade da temporalidade e da própria construção da história nacional, mas o *antônimo* de que os crioulos escravizados foram alguns e os *brasileiros outros*, e são estes mesmos outros os verdadeiros ancestrais dos brasis contemporâneos.

Portanto, observa-se que nem mesmo os sujeitos da categoria “crioulos” fazem sentido para a lógica interpretativa daqueles estudantes, pois foram eles, trabalhadores vindos de outro território e de uma outra nação. Eles não são nossos ancestrais.

De outra maneira, uma dialética reflexiva também é possível ser realizada em uma relação aos “portugueses do Brasil”. Veja a circunstância deste último caso, embora tenham sido eles colonos, mas iguais aos primeiros, nascidos nesta mesma região já (des)territorializada, e descontínua de um Império, julgavam e entendiam-se como europeus, mas nascidos na América e não como autóctones americanos. Eram de *origem* da Europa. Fato, eles assim se identificariam por muito tempo, mesmo com o pós – independência do Brasil.

É preciso escrutinar-se mais uma vez bem que, os crioulos ainda não podem ser considerados, na visão daquele alunado do ensino médio, como uma população de compatriotas legítimos da sociedade brasileira atual, pois eles foram migrantes – esta é a palavra correta, migrantes – e flagelados pela escravidão. Portanto, aqueles não eram daqui do Brasil. E nem os ascendentes de europeus, por que, por vontades próprias, não queriam assim sê-los. Estes igualmente deviam retorno ao seu *Velho Continente*.

Mas então, quem ou quais pode(m) ser os brasileiros outros, aqueles que podemos citar e identificá-los como sendo os nossos primeiros? E quanto aos indígenas aborígenes deste território? Serão mesmo Moacyr e Isabel os primogênitos? Contudo, mesmo estes últimos, são frutos, cada qual, de um caso maior entre civilizações díspares: são mamelucos, do mesmo modo que os mulatos e os cafuzos. Ou será o Brasil um caso de *identidade fracassada*?

O fato é que o nascer local, tanto para a interpretação lógica daqueles sujeitos de um tempo passado, quanto para as consciências das pessoas deste tempo presente, não tem sentido e nem significa ser ou identificar(-se) alguém como *nato* ou *originário* daquele mesmo lugar, pois nem os crioulos são aceitos e nem assim se consideravam os descendentes dos europeus do Brasil.

Mas no que pesa à *origem*, é preciso pensar um pouco mais e fazer uma ressalva a respeito deste conceito, que se mostra como um tanto quanto esquizofrênico e até mesmo

ilusório. Pois veja, enquanto se sai de um lugar e a outro chega e o territorializa, se está em nova origem, já que todos, por todo momento, estão se reidentificando continuamente.

Embora com o curso desse processo contínuo de construção da identidade deste Brasil, tenham e passaram todos à entenderem-se, com o tempo, como iguais brasileiros por terem nascidos neste mesmo país, alguns surgem como mais iguais que outros. Poderá, talvez, ser a ânsia de tornar-se também mais iguais aos primeiros que essa fissura ideológica emerge? Ou essa brecha tem resposta na causa de uma negação e/ou preconceito de cor? Ou ainda, será inculcado no imaginário de que no Ceará não existem negros? É possível compreender a interpretação e o raciocínio lógico daquele grupo de alunos como um estigma que ainda identifica os negros como sinônimos de escravos? Poderá ser a insegurança e o medo de igualmente ser negado e não incluído em um grupo os motivos que levam a esse afastamento identitário? Ou outra, essa fisga pode ser o resultado de um desconhecimento da história nacional, como consequências de uma má qualidade da rede de ensino no Brasil?

Aliás, é preciso igualmente fazer a consideração e reflexão acerca do que teria acontecido e/ou para onde foram aqueles mesmos sujeitos, homens e mulheres – e seus descendentes de ventre – trabalhadores escravizados, depois do pós-abolição, no 13 de maio de 1888? Será que eles conseguiram retornar para os seus países e para as suas casas na África que na qual haviam sido arrancadas e arrancados pelo instrumento da violência? Entretanto, o que parece, é os nascidos neste Brasil não deixaram vivendas em um outro lado do Atlântico. Ou ainda, eles e seus descendentes fincaram vidas e outros mais descendentes aqui no Brasil?

Essas têm sido algumas das indagações que a Nova História Social busca instigar como preocupação para os estudantes e para os que se interessam pelo assunto.

Contudo, nas representações construídas pelo senso comum, *muito parece que as pessoas do hoje entendem que aquelas de um passado brasileiro, mesmo não tão distante, se deram por sumidas, que não existem mais. Ou melhor, por capricho imaginário, aparentam nunca terem existidas.*

Mesmo que as novas interpretações da historiografia mais recente possam indicar ter sido os trabalhos de Rui Barbosa, quando exerceu o cargo de ministro da Fazenda do Brasil, no governo provisório de Deodoro da Fonseca, entre os anos de 1889 e 1891, após o desmonte da monarquia de Dom Pedro II, como uma tentativa política fortuita de querer acabar com todos os documentos que faziam alusões ao sistema escravista no Brasil com o objetivo de que os antigos senhores de escravos não voltassem e reivindicassem as suas compensações financeiras pelas suas perdas de propriedades escravocratas, o fato é que também é preciso considerar igualmente o outro flanco da reflexão que este fenômeno histórico nos proporciona, que fora a ideia de que junto com a abolição da escravidão deveria sumir todos os traços deste sistema horrendo e nefasto da cultura nacional, agora republicana, que este país, a partir deste momento, esforçava-se por criar. Dever-se-iam, com isso, de agora em diante, empreitar-se para o engendramento pela busca de uma nova construção da identidade nacional, um novo desenvolvimento e um *novato* progresso, numa busca quase desenfreada por um imaginário caprichoso de ideário positivista.

Neste trabalho, não se quer nem se pretende negar todas as múltiplas auto-identificações dos vários grupos e dos milhões de pessoas ou de uma sociedade plural, contudo, por que “nasceu uma nova sociedade plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos, cujas combinações em proporções desiguais dão ao Brasil seu colorido atual” (MUNANGA) mas não se aplica a mesma transculturação de Fernando Ortiz? Mesmo que ficcional, não terá sido as digressões de José de Alencar similar a Ortiz? O fato é que no Brasil se preferiu chamar aos diversos grupos de sujeitos negros, históricos de seus respectivos tempos, de afro-brasileiros ou afrodescendentes na tentativa de valorização de um quadro de pessoas que têm histórias desiguais passadas e presentes. Ideia e atitude digna e

muito plausível. Entretanto, a questão deste trabalho é refletir sobre o que impede a sociedade de se entenderem como numa unidade totalmente brasileira. Lembre-se, *o que eles sentem?*

Mesmo que o sociólogo alemão Norbert Elias explique em *A Sociedade dos Indivíduos* pela individualização, o território e a sociedade brasileira não teriam força coercitiva em agir de maneira, abstrata e simbolicamente, para contenção de um caráter unitário e que possa suplantar essa ideologia separacionista e segregacionista?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que limitadas as breves laudas e linhas deste trabalho, mas diante de suas relevantes reflexões, traz consigo, neste pequeno artigo, a possibilidade de aferir pelo menos três pontos que são âmagos em ponderações muito importantes acerca desta investigação, embora dois destes se relacionem e façam referência a um terceiro ponto: o primeiro inicia-se com o fato de ainda poder existir certamente nas mentalidades uma relação, que já é antiga mas ainda persistente, de negro igual a escravizado. Isto, por sua vez, e indiretamente, faz nascer no horizonte investigativo a vislumbra de um segundo cerne, que é a falta de articulação cognoscitiva e reflexiva e histórica de que no Ceará, e no Brasil, existem negros e sobre a possibilidade de estes, e também os demais, serem descendentes daqueles sujeitos históricos que foram violentamente abusados e compulsoriamente submetidos aos mais terríveis tipos de trabalhos. O último e principal fundamento faz inferir sobre a possibilidade de questionamento da qualidade de ensino que carrega a rede de educação brasileira, já que mesmo um raso e simples conhecimento sobre a história do Brasil já seria muito plausível, pelo menos para que uma criticidade por parte daqueles discentes adolescentes fosse realizada acerca e sobre a escrita da história.

**Palavras-chave:** Identidade brasileira; estudantes, senso comum.

## **REFERÊNCIAS**

**ALENCAR**, José de. Iracema. São Paulo: Ed. Ática. 32 ed. 1997.

**ALENCAR**, J. de. O Guarani. São Paulo: Ática, 2003a.

**ELIAS**, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

**GOLDENBERG**, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais / Mirian Goldenberg. - 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

**MYERS**, J. Uma "Atlantic History" avant la lettre: Transcultações atlânticas e caribenhas em Fernando Ortiz. Sociologia & Antropologia, v. 5, p. 745-770, 2015.

**MUNANGA**, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. - 4. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

**UNIVESP TV**. História do Brasil: Independência João Paulo Pimenta Bloco 1. 15. set. 2011. 15min52s. Disponível em: . Acesso em: 19.ago.2019.